

Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos / Empresa Editora: «União Gráfica» — R. de Santa Marta, 158-Lisboa / Administrador: P. António dos Reis



Peregrinação

de Dezembro, 13

A última peregrinação mensal do corrente ano ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima realizou-se com tempo regular e apreciável concorrência de fiéis.

Na forma do costume, dirigiu as procissões e os outros actos religiosos o Rev.º dr. Manuel Marques dos Santos, vice-reitor do Seminário Episcopal de Leiria.

Celebrou a Missa do meio-dia o Rev. P.º Higinio Lopes Pereira Duarte, actual pároco da freguesia da Marinha Grande. Foi também este sacerdote que oficiou à exposição solene no fim da Missa, dando a bênção eucarística a cada um dos doentes e a todo o povo.

Ao evangelho subiu ao púlpito o Rev. P.º Manuel Vitorino Correia, pároco de Portimão, que veio à Fátima expressamente para fazer uma série de conferências às dirigentes das diversas organizações da Acção Católica na diocese de Leiria.

Os cânticos, que se executaram durante o santo sacrifício e por ocasião da bênção, foram acompanhados ao harmónio pelo Rev. P.º António da Silva Bonifácio, pároco da freguesia do Olival.

A bênção dos doentes levou a umbela o sr. José Maria de Sousa Guedes, Chefe de Servitas.

As comemorações, religiosas concluíram com a procissão de Nossa Senhora e a consagra-

(Continua na 2.ª página)

Santuário

Indultos Pontifícios

A principiar no dia 3 de fevereiro, à tarde, e a terminar no dia 7 de manhã, haverá no Santuário Exercícios Espirituais para Servitas (homens) e Vicentinos, podendo agregar-se outros, se houver lugar. Quem quizer aproveitar-se desta graça, dirija-se ao Rev. Capelão do Santuário.

Exercícios Espirituais

Terminando a validade dos Indultos Pontifícios de 1939 no fim deste mês de Janeiro, lembramos aos fiéis a conveniência de tomarem desde já os no-

vos Indultos. Os Indultos Pontifícios que sucederam à Bula da Santa Cruzada concedem grandes graças e privilégios àqueles que os tomam. São uma grande obra religiosa, social e nacional. As pequeninas esmolas dos fiéis são empregadas na sustentação dos Seminários portugueses, que pela revolução foram esbulhados de todos os seus bens, na sustentação de Igrejas pobres, nas Missões, etc.. Além disso, sendo concedidos só a Portugal, demonstram o reconhecimento da Santa Igreja aos portugueses pelos serviços que eles prestaram à civilização cristã. Por isso nenhum católico português, deve deixar de tomar os Indultos Pontifícios.



Padroeira dos Portugueses

Entronização de N.ª S.ª, Rainha de Portugal, nos lares cristãos

Fórmula e cerimonia

Reunida a família, o Chefe toma a imagem ou quadro de Nossa Senhora, já benzidos (1), e caminham todos, pausada e seriamente, para a sala ou lugar principal onde se deve fazer a entronização.

Podem, entretanto, cantar o «Salvé! nobre Padroeira».

Chegando ao sítio da entronização, o Chefe coloca a imagem ou quadro no lugar em que há-de ficar e recitam todos a «Súplica de S. Bernardo» (2).

«Lembrai-vos, ó puríssima Virgem Maria, que nunca se ouviu dizer que algum daqueles, que têm recorrido à vossa protecção, implorado o vosso auxílio e reclamado o vosso socorro, fôsse por Vós desamparado. Animado eu, pois, com igual confiança, a Vós, Virgem entre todas singular, como a Mãe recorro. Em Vós confio e, gemendo sob o peso dos meus pecados, me prostro aos vossos pés. Não desprezeis as minhas súplicas, ó Mãe do Filho de Deus humanado, mas dignai-Vos de as ouvir propícia e de me alcançar o que Vos rogo. Amen.

(Indulgência de 300 dias todas as vezes que se recitar esta oração. Ind. Plenária uma vez por mês, num dia à escolha, aos que a tiverem recitado todos os dias do mês.

Condições: — Confissão, comunhão visita de uma igreja ou oratório público, orando aí segundo a intenção do Sumo Pontífice) (3).

¶ *Rainha de Portugal desde os primeiros tempos da nossa nacionalidade, Nossa Padroeira de sempre.*

¶ *Tende piedade de nós.*

Consagração — recitada por todos.

Ó minha Senhora e minha Mãe, eu me ofereço todo a Vós, e em prova da minha devoção, Vos consagro os meus olhos, os meus ouvidos, a minha boca, o meu coração e todo o meu ser. Porque sou vosso, guardai-me e defendei-me como coisa e propriedade vossa. Avé Maria

¶ *Lembrai-Vos desta família que Vos pertence, terna Mãe, Senhora nossa.*

¶ *Ah! guardai-a e defendei-a como coisa própria vossa.*

Salvé Rainha (Rezada ou cantada) (4).

Se estiver presente algum sacerdote, é conveniente que dirija palavras de congratulação e incitamento para que essa família siga os exemplos e busque a protecção da Santa Família de Iazaré (5).

Termina com o cântico «Sobre os braços da azinheira».

NOTAS:

(1) — Seria belo escolher um dia especial, de preferência consagrado a Nossa Senhora, serem benzidos na igreja as imagens ou quadros e seguirem, cantando todos para suas casas, fazer a entronização.

(2) — D. Afonso Henriques, o nosso primeiro rei, era muito devoto de S. Bernardo, votou a construção do magnífico mosteiro de Alcobaca em reconhecimento da conquista de Santarém.

(3) — Recomenda-se às famílias que queiram fazer a entronização que se confessem e recebam a S. Comunhão.

(4) — O dia da entronização de Nossa Senhora nos lares portugueses deve ser considerado como de festa, reunindo-se todos os membros em convívio fraterno e orando por aqueles que já partiram para o outro mundo.

(5) — No aniversário da entronização deve renovar-se a festa sempre com os membros da família que se possam juntar.

O nosso reconhecimento à Rainha de Portugal

As festas centenárias da fundação e restauração da independência de Portugal fazem-nos voltar a atenção para Aquela que foi desde o princípio a grande Padroeira da nossa Pátria e a quem após 1640 D. João IV, coroou rainha de Portugal.

Nossa Senhora merece bem neste ano centenário uma especial consagração da parte dos portugueses.

Não é sem razão que a nossa pátria se honra com o nome de Terra de Santa Maria.

A Virgem Santíssima conta em cada português digno dêsse nome um filho devoto.

Mas não basta o culto individual.

Cada família deve ser um santuário onde a devoção a Maria Santíssima se ensine mais pelo exemplo do que pela palavra.

Para isso vamos neste ano, e começando já, fazer a consagração das famílias portuguesas a Nossa Senhora. Será êsse um dos mais encantadores números das festas centenárias em que admiravelmente se unem a nossa condição de portugueses e a dignidade de católicos.

GRAÇAS de N.ª S.ª da Fátima

NO CONTINENTE

D. Maria Herminia Lopes Callapez — Vila Viçosa, pede a publicação da seguinte graça que alcançou por intermédio de N.ª S.ª da Fátima: — «Venho agradecer à Santíssima Virgem o ter-me salvo de uma grande doença de que há quatro meses sofri, quando a opinião dos médicos era que eu estava irremediavelmente perdida»

Foi no dia 18 de Novembro que adoecei com uma pneumonia, juntando-se à gravidade desta doença o facto de andar grávida há 7 meses. A doença provocou-me um parto prematuro. Sobreveio-me ainda uma febre tifóide com várias complicações. Emfim, durante 3 a 4 meses a minha vida esteve em gravíssimo perigo enchendo de angústias toda a minha família que, recorrendo à Virgem Santíssima sob o título de Nossa Senhora da Fátima lhe fiz várias novenas pedindo-lhe a graça de alcançar de Deus a minha cura. Felizmente o bom Deus dignou-se, por intermédio de sua Santíssima Mãe ouvir as nossas pobres orações, curando-me de todas as enfermidades. Hoje, sinto-me completamente bem e por isso venho tornar pública a grande graça da minha cura e render as homenagens que uma pobre criatura pode prestar à Excel.ª Rainha do Céu e da terra»

D. Maria da Gloria de Bastos — Vilar do Vouga, com o pedido de **proteção**, enviou o relatório seguinte: — «Minha senhora muito minha amiga sofreu horrivelmente do estômago não podendo alimentar-se porque tudo lhe fazia mal. Consultara já vários médicos cujas prescrições observara mas sempre sem resultados sensíveis para melhor. Escreveu-me muito desanimada, dizendo que desejava alcançar de Deus por intermédio de Nossa Senhora da Fátima embora não as melhoras totais, pelo menos alguns alívios a ver se podia alimentar-se um pouco e assim ir vivendo mais algum tempo, se isso se não opusesse à vontade de Deus.

Recorri então a N.ª S.ª da Fátima por meio de uma novena e algumas promessas feitas em sua honra para obter a cura ou alívios desta minha amiga. Passados poucos dias após a novena recebi da doente nova carta dizendo-me que já comia alguma coisa sem que isso lhe fizesse mal o que já há muito não acontecia. Graça bem apreciável para ela.

Vão decorridos dois anos, e essa senhora já se alimenta quasi de tudo sem que o alimento lhe faça mal, graça esta que se atribue à misericordiosa bondade e valiosa intercessão de N.ª Senhora da Fátima que do Céu quis ouvir os nossos rogos em favor daquela doente que lhe confiou a sua cura que a medicina não conseguia dar-lhe a pesar dos seus esforços de parte a parte».

PEREGRINAÇÃO de Dezembro, 13

(Continuação da 1.ª pág.)

ção dos peregrinos a Nossa Senhora na capela das aparições.

Por determinação de Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo de Leiria, cantou-se no dia 13 o Ofício de defuntos e celebrou-se no dia 14 Missa solene de *requiem* em sufrágio de todas as pessoas falecidas que contribuíram com esmolas para a construção do Santuário desde o seu início.

Tómaram parte no officio e Missa 17 sacerdotes.

Visconde de Montelo

António Monteiro Vicente — Gerdeira do Coa, por uma graça particular que impetrara do Céu em seu favor.

D. Ana Agostinho Calçada — Penedo da Sé, pela concessão de diversas graças temporais e espirituais que recebeu do Céu.

D. Laura Soares Lopes Guerra — Lisboa, por uma graça que pedira a Nossa Senhora por intercessão de S.ª Terezinha e de Frei Bernardo de Vasconcelos.

D. Estefânia Lisboa — Oliveira de Sinfaes, por ter sido libertada de sofrimentos nervosos que muito a martirizavam.

D. Maria da Conceição Vieira — Covelas, pela concessão de uma graça temporal em seu favor, e por ter obtido para sua filha a cura de uma tuberculose óssea, o que já se não julgava possível.

D. Maria de Jesus Matos — Bornes, por ter sido curada de uma ciática crónica sem outros remédios mais do que a invocação a Nossa Senhora da Fátima, a pesar de os médicos a terem já mandado dirigir-se a Coimbra para aí receber os tratamentos que o seu mal requeria.

D. Amelia Ferreira Gonçalves — Boticas, pela concessão de 3 graças que havia pedido em seu benefício e em favor de outras pessoas amigas.

D. Gertrudes Barradas — Estremoz, por ter alcançado uma graça particular de que muito necessitava e que muita alegria lhe deu.



Perdeu o emprego devido ao reumatismo

Representou uma espécie de tragédia o facto deste ferro-viário ter de abandonar o trabalho no fim de 39 anos, mas sofria tanto de reumatismo que não tinha outro remédio — só podia andar apoiando-se a uma bengala. A conselho de um amigo principiou a tomar Sais Kruschen. Verificando que melhorava com o tratamento, continuou na sua resolução e tomou-os até ficar bom de todo.

Se visse agora este homem, a o pudesse ter visto há três anos passados, não acreditaria que fosse o mesmo. Fala de Kruschen a todos os seus amigos e não se cansa de os recomendar.

As dores reumáticas e a prisão dos movimentos são causadas pelos depósitos dos cristais de ácido úrico, nos músculos e articulações. Os sais minerais que Kruschen contém, estimulam o fígado e os rins a uma actividade saudável e regular, auxiliando estes órgãos na eliminação do excesso de ácido úrico, causa dos sofrimentos. Quando o venenoso ácido úrico desaparece, as dores reumáticas deixam de apontar.

Sais Kruschen

Vendem-se em todas as farmácias.

Este numero foi visado pela Censura

Clarões do Presépio

Jesus, bemfeitor das criancinhas

Como a humanidade é feliz quando se aproxima de Deus! Como a humanidade é feliz, quando, em redor do Presépio, vive mais perto de Jesus!

Et in terra, pax hominibus... Paz na terra, aos homens de boa-vontade — cantavam os Anjos, outrora, em Belém. Paz, mas uma paz toda divina; paz, mas uma paz toda amor e felicidade.

Não vemos nós a onda de felicidade e alegria que inunda as almas, os corações, o mundo inteiro, nestes dias do santo Natal?

Natal, festa no lar e na família! Natal, festa nas escolas e nos asilos!

Natal, festa nas cadeias e nos hospitais!

Natal, festa para todos e em toda a parte!

Porquê? — Pela imensidade dos benefícios que dimanam do Presépio.

Benefícios do Presépio, benefícios do Menino Deus, quem há aí que devidamente os possa avaliar?

Só a transformação operada no mundo pela vinda de Jesus, em favor dos fracos e dos desprezados da sorte, bastava para os homens, gratos e reconhecidos, entoarem hinos de eterno agradecimento.

Consideremos hoje os benefícios que do Presépio receberam as criancinhas. Indubitavelmente, são os pequeninos quem hoje, com mais entusiasmo e alegria, festeja a vinda do Redentor. De dia e de noite, quasi nem dormem para viverem só em volta do Presépio mas bem podem fazê-lo, bem podem festejar o nascimento do Menino-Deus, porque bem mimoseados foram com os seus favores divinos.

Que eram, com efeito, as criancinhas, antes da vinda do Messias? — Uns desgraçados, uns infelizes, na sua maior parte.

A maneira como as tratavam os Gregos e os Romanos (povos civilizados de então) basta para vermos a triste sorte da infância, antes de Cristo.

Na Grécia, onde, a certa altura, toda a educação das crianças, tinha em vista formar soldados obedientes, sofreadores, ágeis e robustos, aí daquela que nascesse doente ou aleijada!

Uma lei inexorável e deshumana de Licurgo, bárbaramente mandava atirá-la das rochas do monte Taigete para que morresse miseravelmente.

E Roma que tão orgulhosamente se ufanava de ser a pátria e a mentora do Direito, não se envergonhava de ter, nas suas «*Dez Táboas*», um decreto, mandando aos pais matar, imediatamente, os filhos que achassem disformes ou gravemente defectuosos.

Por outro lado, os que pela sua robustez e saúde conseguissem escapar das apertadas malhas de tão iníquas leis, teriam que contar sempre com a crueldade dos pais a quem a lei dava poder de os tratar como quizessem — deixá-los livres ou condená-los à escravidão, vendê-los ou até matá-los.

E ninguém protestava contra tão revoltantes barbaridades, ninguém erguia a sua voz para defender as pobres e infelizes criancinhas. Se até os filósofos, mentores consagrados da consciência pública, achavam isto a mais natural e racional das coisas...

Mais humana e santamente pensava aquêle Menino do Pre-

sépio que, sendo Deus, quis fazer-se criancinha, para se levantar em defesa dos pequeninos.

«Deixai vir a mim as criancinhas, porque delas é o Reino dos Céus!» — exclamava Jesus meigamente, um dia. E logo a seguir num tom de aviso e ameaça:

«Ai de quem escandalizar um destes pequeninos! Mais valia atarem-lhe a pedra dum moinho ao pescoço e de tarem-no ao fundo do mar. Tende cautela, não desprezeis as criancinhas, pois digo-vos que os seus anjos, no Céu, vêem sempre a face de meu Pai.»

E, desde então, houve na terra, mais respeito, mais carinho e mais amor pelas criancinhas. O mundo povoou-se de instituições de asilo, protecção e educação para a infância, e hoje uma criança a todos encanta, a uma criança todos respeitam.

Só os comunistas, aquêles que andam longe de Jesus e o odiam, aquêles que, se pudessem, apagariam todos os clarões do Presépio, não respeitam, não amam e não estimam esses anjinhos que são a alegria e a riqueza dos nossos lares.

Quem não sente a alma estremecer-lhe de dor e horror, ao ouvir contar as atrocidades de que as crianças eram vítimas, por parte dos marxistas em Espanha?

Só os comunistas, não; há mais também.

Quantos desprezam a ameaça de Jesus, e escandalizam, com palavras baixas e acções inconvenientes, os queridos inocentinhos!

Quantas famílias se recusam a ouvir o meigo pedido de Jesus: *deixai vir a mim as criancinhas!*

Quantas famílias estereis como a figueira do Evangelho, desterram, prematura e criminosamente o berço para o sótão, se é que alguma vez chegaram a utilizá-lo!

Quantas famílias, levadas pela covardia e pelo egoísmo, não fazem secar monstruosamente a árvore de vida por Deus plantada no lar!

P.º L.

A GARGANTA QUEIMADA PELO ÁCIDO DO ESTÔMAGO

Um novo tratamento que acaba com a azia

Era horrível o sofrimento desta mulher, mas acabou de uma forma feliz.

Sofreu durante anos de azia. Passava as noites a passear, deitando água pela boca, e sentindo horríveis queimaduras no esofago, e na garganta. Tomou pós estomacais, comprimidos e drogas várias, mas tudo foi em vão. Um dia resolveu-se a experimentar as Pastilhas Digestivas Rennie e, com grande surpresa, verificou que lhe faziam um bem imenso. Bem depressa pôde voltar a comer o que anteriormente lhe causava a maldita azia. Hoje já come tudo, sem restrições, e sente-se feliz. As Pastilhas Digestivas Rennie fizeram com que esta mulher acabasse com os tormentos que lhe produziam os ácidos do estômago, porque contêm *anti-ácidos* que neutralizam a acidez; *absorventes* que reduzem os gases do estômago e *fermentos* que auxiliam a digestão. As Pastilhas Rennie dissolvem-se na boca. Os seus componentes entram em acção imediatamente, pois chegam ao estômago sem perdas de actividade pela sua diluição na água. Duas Pastilhas Rennie acabam com as dores no estômago em 5 minutos. Vendem-se em todas as farmácias a 6\$00 os pacotes de 25 e 20\$00 os de 100.

BIBLIOGRAFIA DA FÁTIMA

Our Lady of Fátima

By

Monignor Finbar Ryan, O. P. titular Archbishop of Gabula

With a Foreword by His grace Most Reverend John Pius

Dowling, O. P.

Archbishop of Port of Spain

Já no número de dezembro do ano passado fizemos uma pequena referência a este livro que vem aumentar a bibliografia de Nossa Senhora da Fátima.

Já no prefácio o Senhor Arcebispo de Port of Spain diz que esta obra em honra de Nossa Senhora da Fátima ocupa um lugar excepcional. Há-de contribuir para a glória de Portugal como terra e reino de Maria.

O Senhor Arcebispo ocupa-se em diferentes capitulos de Nossa Senhora como Medianeira das Graças; de Portugal como terra de Santa Maria; descreve a Fátima como uma escola para todos os cristãos; ocupa-se também do fenómeno solar, das obras que se estão a levantar no Santuário; das testemunhas da Fátima; dos videntes e de todas as questões ligadas à aparição.

Leva os seus leitores a uma das peregrinações com as invocações, pedindo a misericórdia de Deus e de Maria Santíssima para os doentinhos.

Estamos convencidos de que este magnífico trabalho do Senhor Arcebispo Dr. Ryan muito há-de contribuir para espalhar as maravilhas de Maria Santíssima em todos os povos que falam inglês. Agradecemos ao Senhor Arcebispo o exemplar que se dignou oferecer-nos e que conservamos como uma das melhores recordações da estada de Sua Ex.ª Rev.ª na Fátima.

Voz da Fátima

Despeza

Transporte	1.970.609\$11
Franquias, embalagens transportes do n.º 207	4.997\$89
Papel, comp. e impressão do n.º 207 (348.872 ex.)	16.413\$32
Na Administração...	120\$00
Total	1.992.140\$32

Donativos desde 15\$00

Alice Barcelos — Braga, 15\$00; Guilhermina Mota — Açores, 20\$00; Anónimo da Ribeira Grande, esc. 20\$00; João Goulart — Terra do Pão, 20\$00; Filomena Furtado — Pico, 50\$00; Rosa I. Ávila — Caldeira, 20\$00; Maria V. Vivo — América, 1 dólar; Emília Thoza — Califórnia, 1 dólar; Ana Formigal Moraes — Lisboa, 20\$00; Olinda Gonçalves — Porto, 20\$00; Carolina Chaves — Brasil, 20\$00; José Gonçalves Ramada — C. da Iria, 20\$00; Maria F. Armelin — Tópo, 15\$00; P.º José Rodrigues Alberto — Pico, 80\$00; Antónia B. Patrício — Guarda, 25\$00; Anónimo — Guarda, 50\$00; Anónimo — Guarda, 100\$00; Anunciação de Oliveira — América, 3 dólares; Aurora Dias — Nova York, 2 dólares; assinante n.º 1466, 15\$00; Maria Izabel Russo — Cab. de Vide, 52\$00; José Fr. Lima — Mascoteles, 20\$00; Tereza Viegas — Seia, 20\$00; Guilherme Nunes — Natal, 54\$00; Joaquim Manuel Sequeira — Brasil, 400\$00; António N. Martins — Arganil, 20\$00; Manuel Correia — Nova York, 15\$00; José F. Melo — América, 1 dólar.

O MOVIMENTO DO SANTUÁRIO EM 1939

Exercícios Espirituais

Houve catorze turnos de exercícios espirituais:

Um para os Ex.^{mos} Srs. Bispos; um para o Rev.^{do} Clero de Leiria; um para o Rev.^{do} Clero de Évora; um para o Rev.^{do} Clero de Beja; dois para o Rev.^{do} Clero de Portalegre; um para os srs. Servitas; um para as rapazes da JEC; um para médicos, advogados e juriscsultos; um para raparigas da Juventude Católica de Leiria; um para os rapazes da Juventude Católica de Leiria; um para os homens da Liga de Acção Católica de Leiria e um para dirigentes da J. C. F. do Patriarcado e outras dioceses.

Cursos de Moral Cristã

Para os srs. Professores de Ensino Primário houve seis cursos de moral cristã, sendo quatro para o Patriarcado e 2 para Leiria.

Térço e Bênção

Recitou-se diariamente o Térço diante do SS.^{mo} exposto, seguindo-se a Bênção.

Missas e Comunhões

Além da Missa diária e das duas dos Domingos (uma às 8 horas e outra às 11) muitas outras se celebraram principalmente nos dias 13.

A média diária das comunhões, não contando os dias de peregrinação, foi de 55.

Curso Catequístico

Foi dado pelo Rev.^{do} sr. P.^o Manuel Vitorino Carreira, de Portimão, às catequistas da Diocese de Leiria.

Baptismos no Santuário de Fátima desde Janeiro até 16 de Dezembro de 1939

A cinco de Janeiro — Joaquim António Trindade Miranda, filho de Firmino da Silva Elvas Miranda e de D. Armanda de Jesus Trindade Elvas Miranda, da freguesia da Sé de PORTALEGRE.

A 12 de Março — Manuel José Canas Soares, filho de Manuel Quaresma Gomes Soares e de D. Maria de Lourdes Canas Soares, da freguesia de Sé Velha — COIMBRA.

A 12 de Abril — Adelina da Silva Mateus, filha de José da Silva Mateus e de Francisca da Silva, de Vila Moreira — Patriarcado de LISBOA.

A 20 de Abril — Maria Teresa Cabral Osório de Vasconcelos, filha de dr. Afonso Camelo Osório de Vasconcelos e de Dona Maria Fernanda Pereira Telo de Meneses Cabral de Osório de Vasconcelos, de Águeda — AVEIRO.

A 21 de Abril — Eurico Júlio Campos Madeira, filho de Eurico Lopes César Madeira e de D. Júlia Augusta Campos, da freguesia de Santo Ildefonso — PORTO.

A 13 de Maio — Zeferino Alvaro Pereira, filho de Zeferino Alvaro Pereira e de Maria da Assunção Pereira, da freguesia de Rio de Moínhos — Patriarcado de LISBOA.

A 11 de Junho — Augusto José de Sande Leal de Faria, filho de dr. António Alfredo de Castro Ribeiro de Magalhães Leal de Faria, e de D. Maria de Sande Costa Cabral Santiago Montalvão Moraes Sarmento, da freguesia de Margaride, diocese do PORTO.

A 13 de Junho — Clotilde de Fátima Sanches Dias, filha de Manuel Dias e de Maria José Sanches, da freguesia de São Nicolau — LISBOA.

A 25 de Junho — Jorge José Clara Travassos Lopes, filho de Jorge da Silva Oliveira Travassos Lopes e de D. Maria José Clara Travassos Lopes, da freguesia do Salvador de Torres Novas — LISBOA.

A 17 de Julho — Guilherme José Veiga Clara, filho de Guilherme Isidro Neves Clara e de D. Maria Luísa Veiga Clara — LISBOA.

A 22 de Outubro — Fernando Guilherme da Cunha Pimenta Faure, filho de José Guilherme Marques Faure e de D. Maria do Céu da Cunha

Pimenta Faure, de Nelas — VISEU. — A 16 de Dezembro — Maria Emília Pereira Coelho, filha de João Coelho Caetano e de D. Maria Pereira Caetano, da freguesia de Alcanena — Patriarcado de LISBOA.

Casamentos no Santuário desde Janeiro até 16 de Dezembro de 1939

JANEIRO

— 2 — José Miguel Alves da freguesia de São Pedro de Pôrto de Mós, e Albina da Costa Moraes Menezes, da freguesia de Côrtes, ambos da diocese de LEIRIA.

— 7 — Dr. Amílcar da Silva Tavares, da freguesia de Arroios — LISBOA, e D. Laura Adelaide Duarte da freguesia de Cavadonde — GUARDA.

— 12 — Ernesto da Cunha Alegre, da freguesia de Mondim de Basto — Vila Real, e Maria da Graça Miranda Machado, da freguesia de Bilhó — VILA REAL.

— 14 — António Augusto de Oliveira Guerra e Maria da Piedade Figueiredo, ambos da freguesia de Batalha, diocese de LEIRIA.

— 14 — António Augusto de Oliveira Gala, da freguesia de Fronteira, e Joaquina Pais Monteiro de Carvalho da freguesia de Avis, ambos da diocese de EVORA.

— 25 — António Patrício Calado, de Mafra, e Múrcia Duão de Sacadura, de Alpiarça, Patriarcado de LISBOA.

— 30 — António Amaro, de Alcanede — PATRIARCADO, e Matilde Fernandes de Mendiga — LEIRIA.

FEVEREIRO

— 11 — José Gragêra Paula Abreu, de Figueiró dos Vinhos — COIMBRA, e Elisa Madeira Sangremam Prouença, de Serpa — BEJA.

— 12 — Augusto Ferreira Pinto Basto, de Oeiras — Patriarcado de LISBOA e D. Mercês Soares Costa, de Belmonte — GUARDA.

— 13 — António Gamboa Peixoto Barata, de Fundão — GUARDA, e Maria Cremilde Guerreiro Correia, de Olhão — ALGARVE.

— 15 — Guilherme Pedro Street Caupers, de São Mamede — Lisboa, e Albertina Martins, de Oeiras, Patriarcado de LISBOA.

— 19 — Manuel Baldomero Figueiredo Pomar, de Santo André e Santa Marinha — Lisboa, e D. Ester das Neves dos Reis Príncipe, de São Mamede — LISBOA.

MARÇO

— 2 — Adélio Emílio da Cunha Vale, de Vila Nova de Cerveira — Braga, e D. Maria Isabel Cadabal Queirós Ribeiro de Sousa Coutinho, de Gondarém — BRAGA.

ABRIL

— 11 — Manuel Teixeira de Brito, e Maria do Carmo Teles Galvão, de Alvarenga — LAMEGO.

— 13 — Sílvia Viegas Cabral, de Póvoa de Duarte — VISEU, e Maria Fernanda Duarte de Almeida, de Cunha Baixa — VISEU.

— 15 — Dr. Júlio Ferreira Constantino, de COVA DA IRIA, e D. Lucrecia Serra dos Santos, de Fajão — COIMBRA.

— 20 — Joaquim José de Oliveira da freguesia de São Pedro de Vila Chã — diocese do Pôrto, e Maria Pereira de Freitas, da freguesia de São João da Madeira, da diocese do PORTO.

— 26 — Manuel Gaspar Serrano e Júlia da Conceição, da freguesia de Pombal, diocese de COIMBRA.

— 26 — António Carlos de Gouveia Ferreira e Maria Júlia da Silva Ferreira, da freguesia de São João Baptista de Tomar — Patriarcado de LISBOA.

— 27 — Manuel Rodrigues Simões, da freguesia de Vale de Santarém — Patriarcado de Lisboa, e Maria do Carmo Rosa Gaspar, da freguesia de

Vila Chã de Ourique — Patriarcado de LISBOA.

MAIO

— 6 — Aurélio Augusto Neto Crespo, da freguesia de Santa Maria de Trancoso — diocese da Guarda, e Maria Amélia Garcês Cabral, de São Pedro de Trancoso, diocese da GUARDA.

— 10 — José Vicente da Rosa, da freguesia de São Mamede, da cidade de LISBOA, e D. Violante de Jesus Machado, de LEIRIA.

— 13 — António Joaquim Borrego e Maria Balbina da Silva Catarino, de Portel — Arquidiocese de EVORA.

— 14 — Mário da Rocha Moutinho Ferreira e Maria da Piedade Monteiro, da freguesia de Campanhã — PORTO.

— 21 — António Manuel Alexandre Sebastião, de Travanca — Macedo de Cavaleiros — Bragança, e D. Maria Guilhermina Miller Lemos de Noronha, da freguesia de Vila-Flor — BRAGANÇA.

— 21 — António Taborda Brás, da freguesia da Conceição de Covilhã — Guarda, e Maria do Carmo Baptista, de Teixoso — GUARDA.

— 28 — Armando Pinto de Moraes Ferreira, de Pinhel — GUARDA, e Maria Helena Leone Soutelo, de São Cristóvão — LISBOA.

JUNHO

— 1 — António da Costa Alvorão, de São Pedro de Tórres Novas — Patriarcado, e Maria Júlia Vassalo, de Santa Maria de Tórres Novas — LISBOA.

— 1 — José Gonçalves Rôlo, de Leiria, e Deolinda Moura, de Pousos — LEIRIA.

— 3 — António Pereira Alves, de Espinho — PORTO, e D. Maria Elvira de Matos Viegas de Campos, de Salreu — AVEIRO.

— 7 — José Tomás Gomes de Santa Cruz — COIMBRA, e D. Maria Nazaré Catalão Espiga, de Nossa Senhora da Conceição — GUARDA.

— 10 — Francisco António Esteves e D. Canuta das Dores Varela, de Batalha — LEIRIA.

— 14 — Manuel Francisco Baptista e D. Maria Júlia Lopes Pereira de Azoia — LEIRIA.

— 15 — Diamantino Lucas Amaro, da freguesia da Lapa — LISBOA, e Darlinda Baeta de Campos, de Miranda do Corvo — COIMBRA.

— 28 — Manuel da Silva Passos Júnior, da freguesia de Nevogilde — PORTO, e D. Maria Noronha Ramalho, de Angra — Ilha Terceira — ANGRA.

JULHO

— 5 — Mário Machado da Graça e D. Maria Edwiges Campos de Azevedo Batalha, de LEIRIA.

— 12 — José Fernandes Correia e Maria Lucília Cabral, da freguesia de Vila Nova de Tazem — GUARDA.

— 16 — Afonso Henriques Ivens Ferraz Maia de Loureiro, da freguesia de Alcântara — LISBOA, e D. Maria Berta Ribeiro dos Santos Silva, de Matosinhos — PORTO.

AGOSTO

— 10 — José Carvalho dos Santos e D. Palmira Socorro Freire, da freguesia de Arroios — LISBOA.

— 14 — Dr. Agostinho Rodrigues Baptista e Maria do Céu Silva Ruivo, de Alvega — PORTALEGRE.

— 22 — Joaquim Manuel da Silva Correia, de Caceira Lis — LEIRIA, e Carmina Dulce da Silva Brito, de Benavente — EVORA.

SETEMBRO

— 2 — Luís Domingos Guerra de Barros, da freguesia dos Anjos — LISBOA, e Maria Zita Nunes de Almeida Souto, de Angeja — AVEIRO.

— 4 — Manuel Maria de Jesus Trigo Fês e Tórres, e Maria do Carmo Santos Ceuta, da freguesia do Senhor Jesus do Carvalhal — Patriarcado de LISBOA.

— 7 — Francisco Pereira Galantino, de São Pedro de Tórres Vedras — Patriarcado, e Maria de Nazaré Roque Pereira de São Pedro da Cadeira, Patriarcado de LISBOA.

— 9 — Dr. Carlos Gonçalves Fagundes e D. Maria de Lourdes Anacoteta Baptista, de Marvila de Santarém, Patriarcado de LISBOA.

— 10 — Joaquim José de Barros Ferreira, de Constantim — VILA REAL, e D. Cândida Maria Vaz Pereira Simeão de Loureiro, de Santiago de Cacém — BEJA.

— 23 — Manuel Fernandes de Pina, da freguesia de Vela — Guarda, e Maria Ana Gonçalves Hilário, da freguesia de Belmonte — GUARDA.

— 30 — Dr. David Almiro do Vale, de Nandufe — Viseu, e D. Maria Fernanda de Moura Coutinho, de Parada de Gonta — VISEU.

OUTUBRO

— 1 — Aurélio Lopes Antunes, de Castanheira de Pera — COIMBRA, e Aldina Antunes Diniz, de Arroios — LISBOA.

— 4 — Virgílio Gomes Norte, da freguesia da Sé — LISBOA, e D. Maria José Pereira Feijão, da freguesia de Monte Redondo — LEIRIA.

— 8 — Manuel de Freitas Lopes, da freguesia de Tomar — Patriarcado de LISBOA, e Maria Emília de Jesus Vieira, da freguesia de Ceissa — LEIRIA.

— 23 — António Moraes de Vargas e Sebastiana Adelaide Santana, da freguesia do Socorro — LISBOA.

— 26 — Vicente Hipólito e Maria José Carvalhão, da freguesia de Tinalhas — PORTALEGRE.

— 30 — Dr. Augusto Delgado França, de Fundão — Guarda, e D. Maria Cândida de Matos Godinho Boavida, de Alpedrinha — GUARDA.

— 30 — Francisco Xavier Barreto Caldeira Castelo Branco, e Maria de Lourdes Pimenta Rosado, de Alter-do-Chão. — PORTALEGRE.

DEZEMBRO

— 3 — António Melo, da freguesia do Socorro — Lisboa, e Julieta da Costa Baptista, da freguesia de Carnaxide. Patriarcado de LISBOA.

— 3 — Vitor José de Seixas Martinez, da freguesia de Arroios — Lisboa e Ormezinda Cândida Pinto da Moita e Freitas, da freguesia do Coração de Jesus — LISBOA.

— 6 — Augusto Félix da Costa, da freguesia de Maxial — Tórres Ve-

dras, Patriarcado, e Maria Roque do Vale, da freguesia de Ponte do Rol — Tórres Vedras — Patriarcado de LISBOA.

— 10 — Júlio da Graça Antunes, da freguesia de São Paulo — Lisboa, e D. Natália de Sousa, da freguesia de Fátima — LISBOA.

— 16 — Joaquim Coutinho Cadefe, e D. Maria Emília Pereira Coelho, da freguesia de Alcanena — Patriarcado de LISBOA.

Doentes

Janeiro 9
Fevereiro 15
Março 27
Abril 49

Maio:
albergados 70
doentes de olhos 32
registo geral 577 679

Junho:
albergados 27
registo geral 192 219

Julho:
albergados 20
registo geral 130 150

Agosto:
albergados 41
registo geral 191 232

Setembro:
albergados 17
cegos da Luz 20
registo geral 132 169

Outubro:
albergados 49
tuberculosos do Sanatório dos Covões 21
registo geral 265 326

Novembro 35
Dezembro 20
1.921

Curativos

Maio 164
Junho 27
Julho 20
Agosto 58
Setembro 15
Outubro 33

317

Nos meses de Janeiro a Abril e em Novembro e Dezembro houve também curativos, mas não se apontaram. Podemos calcular uns 8 por mês ou seja 48

Total geral 365

N. Senhora da Fátima no Estrangeiro

EM QUIXADÁ — BRASIL

O culto de N.ª Senhora da Fátima é tão querido dos Brasileiros, como dos Portugueses.

Quixadá, a linda cidade cearense, viveu, no esplendor de suas crenças, um dia de homenagem sincera a Nossa Senhora da Fátima.

Por iniciativa dos srs. António Gonçalves Onofre e João de Oliveira, destacados membros da colónia Portuguesa em Quixadá, e abastados industriais, foi adquirida em Barca, distrito do Porto (Portugal) uma linda imagem da Virgem da Fátima.

A perfeição suave do rosto, os pormenores da indumentária, o gesto angélico e sobrenatural do grande trabalho, parece fazer reviver num assômo de fé, a figura gloriosa da Virgem Santíssima.

De acôrde com o ritual católico, realizou-se a 15 de Agosto, na Ma-

triz de Quixadá, a bênção solene da imagem, sendo na ocasião pronunciado um sermão alusivo ao acto, pelo Rev.^{mo} P.^o Luís Rocha, vigário da freguesia.

Em seguida, procedeu-se à bênção do altar, situado à direita do altar-mor, outra obra bem confeccionada por artista conterrâneo. Além de muitos portugueses vindos para assistir à solenidade, grande massa popular se achava presente ao acto.

Está pois instituído em Quixadá, o culto de Maria Santíssima sob a invocação da Virgem da Fátima, a mãe querida dos Portugueses, dos Brasileiros e de todos quantos a ela recorrem.

Quando precise dum jornal diário, o católico deve pedir sempre as «Novidades».

Crónia Financeira

Um dos problemas mais angustiosos do nosso país é sem dúvida o pauperismo. Problema angustioso pelo sofrimento em que se traduz, e mais angustioso ainda porque se não vê para elle solução possível. Num país em que o equilíbrio entre a população e as subsistências se faz principalmente pela mortalidade infantil, é manifesto que o problema do pauperismo não pode ter solução, porque, o pauperismo entre nós é impossível de extinguir. Pode, porém, ser minorado nos seus estragos físicos e principalmente nos morais, pela assistência pública e muito principalmente pela caridade particular.

Deve, porém, dizer-se que a caridade particular é muito mais eficaz do que a assistência pública, porque esta apenas pode minorar as misérias físicas e aquela vai mais longe, porque a esmola material ajuda outra mais preciosa que é a palavra amiga e consoladora que vai direita ao coração do necessitado. Mas isto só é verdade a respeito da caridade bem entendida, porque também a há que é contraproducente.

Queixaram-se as aristocratas espanholas, antes da Revolução, de que no geral eram mal recebidas dos pobres a cujas casas iam pessoalmente levar os socorros da sua caridade desinteressada e cheia de boas intenções. E queixavam-se ainda de que, por vezes, eram não só mal recebidas por este ou aquêle pobre, mas por toda a gente de ruas e bairros inteiros, onde não podiam entrar porque eram de lá corridas pelos moradores, a-pesar-de viverem todos na miséria.

Como explicar esta inesperada hostilidade da parte dos necessitados? Soberba? Ódios fomentados pela política? Cremos bem que não. A verdadeira razão deve procurar-se na falta de saber com que a aristocracia espanhola começou a exercer as formas modernas da caridade cristã. Quando o rico, ou remediado, entra na casa do pobre com o fim de o socorrer materialmente e de o consolar espiritualmente, tem de o fazer com prudência e senso prático, de modo a ser-lhe realmente útil sem o ferir nas suas susceptibilidades, tanto mais vivas e dignas de respeito quanto mais funda for a miséria do socorrido.

Quem não for prudente no seu trato com o pobre, em vez de consolação levará a revolta; quem não for prático nas suas dádivas, em vez de socorro, levará o enfado quando não a indignação. Se ao que nem trapos tem com que se cubra e agasalhe, lides levar rendas e outras bugigangas para elle sem préstimo, a-pesar-de caras, essa esmola será menos do que inútil, porque o pobre sentirá por instinto que vós desperdicastes o vosso supérfluo que por lei divina lhe pertence.

A caridade tem também a sua técnica que só se aprende em contacto com a pobreza. A aristocracia espa-

nhola meteu-se a praticar a caridade sem aprender primeiro essa técnica, e o resultado foi contraproducente, como era de esperar.

A caridade como se pratica modernamente, não pode ser exercida com proveito por qualquer. Precisa de aprendizagem e de mestra e grande mestra de Caridade só houve e há uma no mundo: é a Igreja.

É por isso que nunca é de mais repeti-la: toda a caridade particular deve ser exercida em volta da Igreja e debaixo da sua direcção que tem por guia uma experiência de dois mil anos. Quem não procurar o apoio da sua mão experimentada, até nos caminhos da caridade andarão sempre aos tropeções.

Pacheco de Amorim

FALA UM MEDICO

XLIII

A MÁQUINA FOTOGRAFICA

Faz agora cem anos que foi inventada a arte da fotografia e, durante um século, grandes foram os progressos da prodigiosa descoberta.

Há dias lembrei-me de examinar a estrutura dum aparelho de fotografia, o que me deu ensejo para meditar na diferença que existe entre a obra dos homens e as criações da Providência.

Muito parecida é uma máquina fotográfica com o nosso aparelho visual.

Aquela é constituída essencialmente por uma caixa, pintada interiormente de negro, à qual se adapta anteriormente um sistema de lentes, a que se chama objectiva, e atrás uma chapa ou película sensíveis à luz. Nesta última, forma-se a imagem do objecto a fotografar.

Como esses objectos estão a maior ou menor distância, a máquina tem um fole, que aproxima ou afasta a objectiva da chapa, de forma que a imagem se forma sempre com nitidez; e, modernamente, aperfeiçoaram-se os aparelhos de fotografia, para que eles fôsem capazes de retratar objectos longínquos, como um avião a grande altura.

Adiante da objectiva, há um obturador, que se retira no momento de se tirar o retrato, e a luz que vai impressionar a chapa é coada por uma abertura, chamada diafragma-iris, que se pode ampliar ou retrair à nossa vontade, conforme as circunstâncias.

O nosso globo-ocular, a que o povo chama expressivamente **bogalha do olho**, tem muitas parecenças com a máquina fotográfica.

O obturador é representado pelas pálpebras; quando as afastamos, quando abrimos os olhos, entra nêles a luz, tal qual na câmara fotográfica, quando se tira o obturador.

A luz atravessa meios transparentes, como a córnea e o cristalino, que representam a objectiva.

Direi de passagem que, às vezes, o cristalino se torna opaco, dando origem à doença que se chama catarata.

O olho tem ainda a iris, parecida com o diafragma da máquina fotográfica, e nela encontra-se a menina do olho, que aumenta ou diminui de dimensões, conforme a distância dos objectos ou a força da luz. O branco do olho, muito duro, chamado esclerótica, corresponde à câmara fotográfica e está, como ella, farrado de escuro, por uma membrana chamada coroides.

No fundo do olho também está uma membrana sensível, a retina; mos, enquanto que, na fotografia, é necessária uma chapa para cada retrato, a retina recebe uma infinidade de imagens, desde que nascemos quasi até saltarmos o último suspiro.

Alguma diferença existe entre o aparelho fotográfico e o nosso aparelho visual: a máquina recolhe as imagens dos objectos e nós vemos-lhes e sabemos que os vemos.

Como está longe o génio do homem do infinito sabedoria de Deus!

F. L.

NOVENA do B. João de Brito

26 de Janeiro—4 de Fevereiro

A intenção proposta para a novena deste ano é a seguinte:

Que o processo de Roma se conclua rapidamente por sentença favorável, e a Canonização se efectue como coroa das festas Centenárias de Portugal.

Esperamos que a novena seja celebrada ainda em maior número de igrejas e capelas do que no ano passado. Quem não puder celebrá-la em público certamente o fará em particular.

Pedidos de preces indulgenciadas pelos Ex.^{mos} Prelados a

A. Montenegro

Seminário da Costa

Guimarães

PALAVRAS MANSAS

C. A. D. C.

Na quaresma do ano de mil e novecentos, prèguei eu os sermões da semana santa em Coimbra, na igreja do Colégio Novo, a convite do Dr. Guilherme Moreira, lente de Direito e provedor da Misericórdia, que o fez por intermédio do Dr. Henriques da Silva, fina e insinuante figura de homem de leis e de letras.

Custou-me muito a aceitar. Era ainda novato de Direito, tinha prègado alguns sermões, poucos, à pobre gente do campo, convizinha da minha terra, sentia timidez e receio deante do púlpito de Coimbra, onde luziu soberanamente a oratória de Vieira, António José da Rocha, António Cândido, Eduardo Nunes, Ayres de Gouveia...

Um dia, na capela de Versailles, Bossuet, vendo no seu auditório Luís XIV e homens do grande século, disse que prègava diante da primeira assembleia do universo. Dizer isto, para a água do púlpito francês, o mesmo foi então que subir e pairar muito mais alto...

O prègador que, em Coimbra, vê diante de si um auditório constituído em grande parte por lentes e estudantes, também pode afirmar que fala à mais illustre assembleia de Portugal, abonando-se até com o testemunho do Dr. Ayres de Gouveia, que lá fez ensaios do púlpito, que foram para os contemporâneos, lições de mestre, obras primas.

Na sexta-feira santa, à noite, findo o sermão da Soledade, fui passear para o Largo da Feira, que dá perspectiva à Sé Nova. Precisava de despreocupação, de ar vivo, de movimento. Precisava de reingressar pacatamente na minha vida habitual depois duma excitação nervosa, demorada e torturante.

De parabéns, é que eu prescindia inteiramente. Nunca fiz nada por eles, nem cumprimentos tendenciosos nem amplificações retumbantes. Procurá-los, para quê? Por mais calorosos que sejam, não abafam a voz interior que julga, com mais ou menos severidade, o trabalho que fizemos. Também não suprem a vida nas palavras que a não tinham, quando vieram a lume. Nunca fiz nada por eles.

Vendo-me a passear, sôzinho, no Largo da Feira, tão frequentado pelos estudantes, que até parece uma serventia de todas as casas da Alta, veio para mim naturalmente o meu condiscípulo António de Menezes Cordeiro, que eu, até esse momento, conhecia apenas de nome.

Era um transmontano acentuadamente representativo de qualidades e virtudes, que dão direito a mandar quando os outros não mandam bem.

A sua vida académica, desde Bragança, era um poema de força de vontade, de confiança em si próprio, de trabalho inteligente e de nobreza moral. Por mais desajudado e só que se encontrasse, não esmorecia; caminhava sempre. O que outros pediam comodamente aos recursos da família mais ou menos abastada, pedia-o elle, sobretudo em Coimbra, ao exercício duma actividade indefessa, que naquele meio e naquele tempo, era também uma forma suggestiva e edificante de ensino...

Forte, desempenado, levemente moreno, músculos de aço, o olhar fundo e vivo, a palavra calma, ponderada e singularmente afirmativa. Até nisto muito da sua terra, muito da sua provincia.

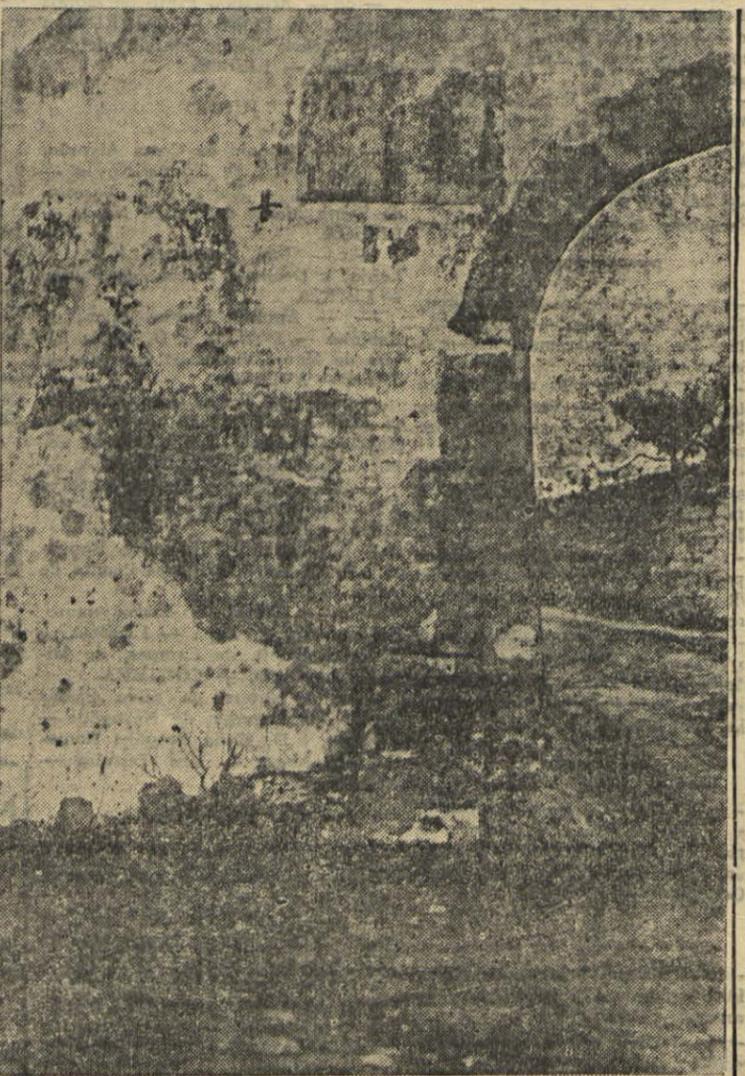
Com a sua intelligência luminosa e criadora, Menezes Cordeiro, sempre aluno classificado, deveria ter conquistado uma cátedra na Universidade, se a sua actividade mental não andasse dividida por tantos objectivos. Nas aulas, não citava muitos autores, para enlêvo do Dr. Marinho e Sousa e proveito de França Amado; mas sabia fundamentar solidamente e dar um cunho pessoal, ás suas opiniões. Estou ainda a vê-lo, na aula do Dr. Guimarães Pedrosa, sobre um ponto intrincado de Direito administrativo, expor, por entre theorias várias, de todas as procedências, uma teoria sua, que constituiu para o professor, meticoloso e arguto, uma agradável surpresa.

No Largo da Feira, que era uma espécie de sala de estar para os estudantes da Alta, dispensavam-se as apresentações. Por me ter ouvido no Colégio Novo, Menezes Cordeiro sabia, até certo ponto, quem eu era. Quem elle era sabia eu também pela espontaneidade penhorante com que, depois de me ouvir, quisera vir até mim. As grandes amizades costumam nascer assim, sem cerimónia nem artificio.

Demais a mais éramos quasi patrícos, porque Trás-os-Montes e a Beira Alta continuam sempre o seu diálogo milenário por sobre a corrente do Douro. Falam as terras e as almas... Qualquer das duas provincias, na estrutura, no relêvo e na índole, é uma extensão do outro.

Fica feita a apresentação do verdadeiro fundador do C. A. D. C.. Fiquemo-nos hoje por aqui. Roma, Coimbra e Pavia não se fizeram num dia.

Correia Pinto



Porta no Castelo de Ourém onde D. João IV mandou gravar a seguinte inscrição:

Aeternit. sacr. Immaculatissimae Conceptioni Mariae, Joan. IV. Portugall. Rex, una cum general. comitiis se, et regna sua sub annuo censu tributaria publice vovit, Atque Deiparam in imperii tutelarem electam a labe originali praeservatam perpetuo defensuram juramento firmavit: viveret ut pietas lusitan. hoc vivo lapide emmoriale perenne exarari jussit; ann. Christi M. DC. XL. VI imperii sui VI.

(TRADUÇÃO)

D. João IV, rei de Portugal, juntamente com as Côrtes Gerais não só consagrou publicamente o seu reino por censo anual, à Imaculada Conceição de Maria como jurou defender sempre que a Mãe de Deus, eleita padroeira do Império, foi preservada do pecado original. Para que se perpetuasse esta devoção dos portugueses mandou exarar nesta lápide um memorial no ano de C. MDCXLVI e VI do seu Império.

TIRAGEM DA Voz da Fátima

no mês de Dezembro.

Algarve	5.123
Angra	20.152
Aveiro	6.312
Beja	3.496
Braga	85.409
Bragança	13.591
Coimbra	14.124
Évora	5.269
Funchal	15.647
Guarda	21.734
Lamego	12.505
Leiria	15.322
Lisboa	11.757
Portalegre	10.797
Porto	55.690
Vila Real	27.336
Viseu	9.992
Total	334.256
Estrangeiro	3.896
Diversos	10.720

948.872